



# **AS VIRTUDES E OS VÍCIOS DOS PERSONAGENS DOS ROMANCES DE EMMANUEL**



## MÓDULO 1

# A SAGA DO SENADOR PUBLIUS LENTULUS EM HÁ 2000 ANOS

## Encontro 4

■ No dia seguinte, Públio Lentulus incentivou as pesquisas do filhinho, entre quantos peregrinavam nas festas da Páscoa, em Jerusalém, instituindo o prêmio de um Grande Sestércio, ou sejam dois mil e quinhentos asses, para quem apresentasse aos seus servos a criança desaparecida.

☐ Não devemos esquecer que a criada Sêmele, bem como suas companheiras de serviço foram submetidas ao mais rigoroso inquérito, por ocasião do castigo aos servos imprevidentes, encarregados da vigilância noturna em casa do senador.

□ Públia não admitia castigos físicos às mulheres, mas, no caso misterioso do desaparecimento do filhinho, submeteu as criadas a um interrogatório francamente impiedoso.

□ Inútil declarar que Sêmele protestara a mais absoluta inocência, nada deixando transparecer que pudesse comprometer sua conduta.

□ Entretanto, as três servas que mais diretamente cuidavam do pequeno, entre as quais estava ela incluída, foram obrigadas a colaborar com os escravos na procura de Marcus, pelas praças e ruas de Jerusalém, embora tivessem suas horas diárias consagradas ao descanso. Essas horas, aproveitava-as Sêmele para visitar ou rever relações amigas, passando a maior parte do tempo no sítio onde André cultivava as suas oliveiras e vinhedos frondosos, a pouca distância da estrada para os centros principais.

☐ Nesse dia, vamos encontrá-la ai em animada palestra com o raptor e sua mulher, enquanto a criança dormitava ao canto de um compartimento.

☐ - Com quê então, o senador instituiu o prêmio de um Grande Sestércio a quem lhe devolva a criancinha? - pergunta André de Gioras, admirado.

- - É verdade - exclamou Sêmele, pensativa.
- E, na realidade, trata-se de grande soma em dinheiro romano, que facilmente ninguém ganhará neste mundo.
- - Se não fosse o meu justo e ardente desejo de vingança - replicou o raptor com o seu malicioso sorriso -, era o caso de irmos abocanhar essa respeitável quantia. Mas, deixa estar que não precisamos de semelhante dinheiro. Nada necessitamos desses malditos patrícios!

□ Sêmele escutava-o indiferente e quase completamente alheia à conversa; entretanto, o interlocutor não perdia de vista as características fisionômicas de sua cúmplice, como se tentasse descobrir no seu modo simples e humilde algum pensamento reservado.

☐ Foi assim que, no intuito de lhe sondar a atitude psicológica, disse em tom aparentemente calmo e desocupado, como a inquirir dos seus propósitos mais secretos:

☐ - Sêmele, quais são as últimas notícias de Benjamim?

□ - Ora, Benjamim - respondeu ela, aludindo ao noivo - ainda não se resolveu a marcar o casamento, em definitivo, atento às nossas inúmeras dificuldades.

□ Como não ignora, todo o meu desejo no trabalho se resume na consecução do nosso ideal de adquirir aquela casinha de Betânia, já sua conhecida, e tão logo venhamos a conseguir nosso intento estaremos unidos para sempre.

■ -Ainda bem - disse André, com a atitude psicológica de quem encontrara a chave de um enigma -, com tempo haverão de conseguir todo o necessário à ventura de ambos. Da minha parte, pode ficar descansada, porque tudo farei por auxiliá-la paternalmente.

- 
- ☐ - Muito grata! - exclamou a moça, reconhecida. - Agora há-de permitir que volte ao trabalho, porque as horas parecem adiantadas.
  - ☐ - Ainda não - falou André resolutamente -, espere um momento. Quero dar-lhe a provar do nosso vinho velho, aberto hoje somente para comemorar a circunstância feliz de nos acharmos com vida, depois do medonho temporal de ontem!

DE, correndo ao interior, penetrou na adega, onde tomou de uma bilha de vinho espumante e claro, deitando-o, com fartura, numa taça antiga. Em seguida, foi a um quarto contíguo, de onde trouxe um tubo pequenino, deixando cair na taça algumas gotas do conteúdo, monologando baixinho:

□ - Ah! Sêmele, bem poderias viver, se não surgisse esse prêmio maldito, que te condena à morte!... Benjamim... o casamento é uma situação de amarguosa pobreza. - Uma soma de mil sestércios constitui tentação a que não poderia resistir o espírito mais bem intencionado e mais puro... Enquanto foram as aperturas e outros castigos, estava certo, mas agora é o dinheiro e o dinheiro costuma condenar as criaturas humanas à morte!...

█ E, misturando o tóxico violento no vinho  
█ que espumava, continuou resmungando:

█ - Daqui a seis horas minha pobre amiga  
█ estará penetrando o reino das sombras...  
**Que fazer? Nada me resta senão  
desejar-lhe boa viagem! E nunca mais  
alguém saberá, neste mundo, que em  
minha casa existe um escravo com o  
sangue nobre dos aristocratas do  
Império Romano!...**

□ Em dois minutos a desventurada serva do senador ingeria satisfeita o conteúdo da taça, agradecendo a sinistra gentileza com palavras comovidas.

□ Da porta de sua vivenda empedrada, observou André os passos derradeiros da sua cúmplice, nas derradeiras curvas do caminho.

□ Ninguém mais pleitearia o Grande Sestércio oferecido pela desesperação de Lentulus, porque, precisamente à noitinha, quase às dezenove horas, Sêmele experimentou uma sensação de súbito mal-estar, recolhendo-se ao leito imediatamente.

□ Suores abundantes e frios lavaram-lhe as faces já descoradas, onde se notava o palor característico da morte.

■ Ana, que já havia regressado, compungida, aos afazeres domésticos, foi chamada à pressa, a fim de ministrar-lhe os socorros precisos, encontrando-a, porém, no auge da aflição que assinala os moribundos prestes a se desvencilharem do cárcere da matéria.

□ - Ana... - exclamou a agonizante, com voz sumida -, eu morro... Mas tenho a... consciência... pesada... in tranquila...

□ - Sêmele, que é isso? - replicou a outra, fundamente comovida.  
**Confiemos em Deus, nosso Pai Celestial, e confiemos em Jesus, que ainda ontem nos contemplava da cruz dos seus sofrimentos, com um olhar de infinita piedade!**

□ [...] O velho patrício reviveu, com penosa serenidade, as peripécias da viagem dos seus tempos de juventude venturosa, quando a felicidade era para ele incompreensível, em companhia da esposa e dos dois filhinhos.

□ Sim, a pequenina figura de Marcus, o filho desaparecido, parecia surgir novamente a seus olhos, sob uma auréola de radioso e santificado enlevo.

Um dia, em Cafarnaum, levado pelas palavras caluniosas de Sulpício Tarquinius, duvidou da honorabilidade da mulher, acreditando, mais tarde, que o rapto da criança fosse uma consequência da sua infidelidade. Mas Lívia agora estava redimida de todas as culpas, no tribunal da sua consciência.

Seus sacrifícios domésticos e a morte heróica no circo constituíam a prova máxima da sublimada pureza do seu coração. Naqueles instantes de meditação, figurava-se-lhe que voltava ao passado com os seus sofrimentos intermináveis, esbarrando sempre na sombra pesada do mistério, quando tentava reler as páginas desse doloroso capítulo da sua existência.

□ Aque abismos insondáveis e desconhecidos teria sido levado o pequenino que lhe perpetuaria a estirpe nobre?

□ Suas emoções paternais pareciam alarmar-se de novo, depois de tantos anos e tantos padecimentos em família.

□ Mas, embora lhe flutuassem no íntimo as mais penosas dúvidas, o senador, na rigidez da sua enfibratura moral, preferia crer, consigo mesmo, que Marcus Lentulus havia sido assassinado por malfeiteiros vulgares, dados ao roubo e ao terrorismo, para nunca mais requisitar os seus desvelos paternais.

- 
- Assim quereria crer, mas aquela viagem afigurava-se-lhe uma análise de suas lembranças mais queridas e mais pungentes.
  - De tarde, ao suave clarão do crepúsculo no Mediterrâneo, parecia-lhe ver ainda o vulto de Lívia acalentando o pequenino, ou falando-lhe ao coração em termos afetuosos de consolação, supondo Iobrigar, igualmente, a figura de Comênio, o servo de confiança, entre os subalternos e escravos.

□ [...] Ao cabo de algumas horas, extenuados de fadiga e sede, Públia e o amigo foram introduzidos no sombrio gabinete de um chefe judeu, que expedia as mais impiedosas ordens de suplício e morte para todos os romanos presos, revidando às atrocidades do inimigo.

□ Bastou que Públia fitasse aquele velho israelita de traços característicos, para procurar, sofregamente, uma figura semelhante no acervo de suas lembranças mais íntimas e mais remotas.

□ Não pôde, porém, de pronto, identificar aquela personagem.

□ O velho chefe, contudo, pousou nele o olhar astuto e, fazendo um gesto de satisfação, exclamou com uma chispa de ódio a lhe transparecer de cada palavra:

□ - Ilustríssimos senadores - enfatizou com ironia e desprezo -, eu vos conheço de longos anos...

□ E, fixando Públia, acentuou com malícia:

□ - Sobretudo, honro-me com a presença do orgulhoso senador Públia Lentulus, antigo legado de Tíberio e de seus sucessores nesta província perseguida e flagelada pelas pragas romanas. Ainda bem que as forças do destino não me permitiram partir para a outra vida, na minha velhice trabalhosa, sem me desafrontar de uma injúria inolvidável.



**□ Avançando para o velho  
patrício que o contemplava  
supinamente surpreendido,  
repetia com insistência  
irritante:**

**□ - Não me reconheceis?...**

□ O senador, porém, tinha o semblante a evidenciar o seu penoso abatimento físico, em face daquela rude provação da sua vida; debalde, encarava a figura franzina e maquiavélica de André de Gioras, agora com elevado ascendente nos trabalhos do templo famoso, em vista da fortuna que conseguira amealhar.

□ Verificando a impossibilidade de ser identificado pelo prisioneiro, cuja presença, ali, mais o interessava e que lhe respondera a todas as perguntas com silencioso gesto negativo, o velho judeu retornou com sarcasmo:

□ - Públia Lentulus, sou André de Gioras, o pai a quem insultaste um dia com o excesso da tua autoridade orgulhosa. Lembras-te agora?

□ O prisioneiro fez um sinal afirmativo com a  
cabeça.

□ Vendo, porém, que o seu atrevimento não  
o intimidava, o chefe de

□ Jerusalém insistia exasperado:

□ - E porque não te humilhas neste  
momento, diante de minha autoridade?  
Ignoras, porventura, que posso hoje  
decidir dos teus destinos?... Qual a razão  
por que não me pedes comiseração?

□ Públia estava exausto. Lembrou os seus primeiros dias em Jerusalém, recordou a visita daquele agricultor inteligente e revoltado.

□ Procurou rememorar, intimamente, as providências que adotara na qualidade de homem público, a fim de que o filho do judeu voltasse ao lar paterno, não se lembrando de haver destilado tanto fel naquele coração irresignado.

□ Deliberara nada dizer, diante da sua figura exasperada e truculenta, atendendo às suas íntimas disposições espirituais, mas, em face da ousada insistência, sem abdicar as antigas tradições de orgulho e vaidade que o caracterizavam noutros tempos, e como se desejasse demonstrar desassombro em tão penosas circunstâncias, replicou, afinal, com energia:

☐ - Se vos julgais aqui no cumprimento de uma obrigação sagrada, acima de qualquer sentimento particular e menos digno, não espereis que se vos peça comiseração, pelo fato de cumprirdes o vosso dever.

☐ André de Gioras franziu o sobrolho, exasperado com a resposta imprevista, andando de um lado para outro no amplo gabinete, como se estivesse a cogitar o melhor meio de executar a tremenda vingança.

□ Depois de alguns momentos de sombrio silêncio, como se houvesse chegado a uma solução condigna dos seus tigrinos projetos, chamou com voz soturna um dos guardas numerosos, ordenando:

□ - Vai depressa e dize a Ítalo, de minha parte, que deve aqui estar amanhã, às primeiras horas, de modo a cumprir minhas determinações.

□ E enquanto o emissário saía, dirigiu-se aos dois prisioneiros nestes termos:

□ - A queda de Jerusalém está iminente, mas darei a última gota de sangue da minha velhice para exterminar as víboras do vosso povo. Vossa raça maldita veio cevar-se na cidade eleita, mas eu exulto com a minha vingança em vós ambos, orgulhosos dignitários do império da impiedade e do crime! Quando se abrirem as portas de Jerusalém, terei executado meus implacáveis desígnios!

□ Calando-se, bastou um gesto para que os dois amigos fossem atirados numa enxovia escura e úmida, onde passaram uma noite terrível de conjecturas dolorosas, trocando amarguradas confidências.

□ Na manhã seguinte, eram chamados à prova suprema.

- ☐ Já se ouviam na cidade os primeiros rumores das forças romanas vitoriosas, entregando-se ao terror e ao saque da população humilhada e inerme.
- ☐ Por toda parte, o êxodo precipitado de mulheres e crianças em gritaria infernal e angustiosa; mas, naquele casarão de grossas paredes de pedra, refugiara-se considerável número de chefes e combatentes, para a resistência suprema.

□ Públia e Pompílio foram conduzidos a uma sala ampla, de onde podiam ouvir o ruído crescente da vitória das armas imperiais, depois de lances dramáticos e cruentos, em tanto tempo de terror, de rapina e de luta; todavia, ali, naquele comportamento espaçoso e fortificado, tinha à frente centenas de guerreiros armados e alguns chefes políticos da resistência israelita, que os contemplavam.

□ Diante do avanço vitorioso das legiões romanas, era de notar a inquietação e o pavor que dominavam todos os semblantes, mas havia um interesse geral pelos dois prisioneiros importantes do Império, como se eles representassem o último objeto em que se pudesse cevar o ódio e a vingança.

□ Modificando, todavia, aquela situação indecisa, André de Gioras tomou a palavra em voz estranha e sinistra, que retumbou por todos os ângulos da casa:

□ - Senhores! estamos chegando ao fim da nossa desesperada defesa, mas temos o consolo de guardar dois grandes chefes da amaldiçoada política de rapina do império Romano!...

Um deles é Pompílio Crasso, que começou a sua carreira de homem público nesta província desventurada, inaugurando um longo período de terror entre os nossos compatriotas infelizes!

□ O outro, senhores, é Públia Lentulus,  
orgulhoso legado de Tibério e de seus  
sucessores na Judeia humilhada de todos os  
tempos; que escravizou nossos filhos ainda  
jovens e organizou processos criminosos  
em todas as zonas provinciais, fomentando o  
pavor de nossos irmãos perseguidos e  
flagelados, lá da sua residência senhorial da  
Galileia!... Pois bem! antes que os malditos  
soldados da pilhagem imperial nos  
aprisionem e aniquilem, cumpramos nossos  
desígnios!...

☐ Todos os presentes ouviram-lhe a palavra, como se fora a ordem suprema de um chefe a quem se devesse obedecer cegamente.

☐ Os dois senadores foram, então, amarrados com pesadas peças de ferro aos postes do suplício, sem liberdade para qualquer movimento, restringindo suas expressões de mobilidade aos olhos silenciosos e serenos no sacrifício.

□- Nossa vingança - voltava o odiento israelita a explicar – deve obedecer ao critério da antigüidade.

Primeiramente, deverá morrer Pompílio Crasso, por ser o mais velho e para que o vaidoso senador Públio Lentulus compreenda o nosso esforço para eliminar a vitalidade do seu império maldito.

□ Pompílio fitou longamente o amigo, como se estivesse fazendo suas despedidas angustiosas e mudas, na hora extrema.

□ - Nicandro, este trabalho te compete - exclamou André, voltando-se para um dos companheiros.

□ E dando ao vigoroso soldado uma espada sinistra, acrescentou com profunda ironia:

☐ - Tira-lhe o coração para o amigo, que deverá conservar a cena de hoje na sua memória, para sempre.

☐ Os olhos do condenado brilharam de intensa angústia, enquanto as faces descoravam ao extremo, acusando as emoções dolorosas que lhe iam na alma. Entre ele e o companheiro de amargura, foi trocado, então, um olhar inesquecível.

□ Em minutos rápidos, Púlio Lentulus assistiu ao desenrolar da operação nefanda.

□ A cabeça branca do supliciado pendeu ao primeiro golpe de espada e do seu tórax encarquilhado foi arrancado violentamente o coração palpítante, sangrento.

□ Entretanto, o senador sobrevivente ouvia já o rumor dos patrícios vitoriosos que se aproximavam afigurando-se-lhe que já se lutava corpo a corpo, às portas daquela turbulenta assembleia da vindita e do crime. A monstruosa cena estarrecia-lhe o ânimo, sempre otimista e decidido, mas não perdeu a compostura altiva e rígida que ele a si mesmo se impunha, naquele angustioso transe.



□ Terminada a execução de Pompílio, feita à pressa, porquanto todos os presentes tinham consciência da horrorosa situação que os esperava diante dos triunfadores, André de Gioras levantou novamente a voz:



□- Meus amigos - afirmou  
soturnamente -, ao mais velho, a  
penalidade misericordiosa da  
morte; mas, a este patrício infame  
que nos ouve, concederemos a  
 pena amarga da vida, dentro do  
 sepulcro das suas ilusões  
desvairadas, de vaidade e  
orgulho!...

□ Públia Lentulus, o antigo emissário  
dos imperadores, deverá viver!... Sim,  
mas sem os olhos que lhe clarearam o  
caminho do egoísmo supremo sobre  
os nossos grandes infortúnios!...  
Deixá-lo-emos com vida, para que nas  
trevas da sua noite busque ver com os  
olhos dos escravos que ele  
espezinhou no curso da vida.

Havia um penoso silêncio interior, embora se ouvisse, lá fora, o patear dos cavalos e o tinir das armaduras, aliados ao rumor sinistro de vozes praguejantes no ataque e na resistência desesperada do último reduto.

□ André de Gioras parecia, porém, embriagado com a volúpia de sua vingança e, mantendo o equilíbrio da assistência naquela hora trágica do destino que a todos aguardava, com a palavra magnética e persuasiva exclamou energicamente:

□ - Ítalo, compete ás tuas mãos a tarefa deste momento.

Da assistência compacta e inquieta  
destacou-se um homem,  
aparentando quase quarenta anos  
de idade, surpreendendo o senador  
pelos seus traços finos de patrício.  
**Seus olhares encontraram-se e ele**  
supôs descobrir naquela alma um  
laço de afinidade estranha e  
incompreensível.

□ Ítalo? Aquele nome não lhe recordava alguma coisa das proximidades da sua Roma inesquecida? Por que motivo estaria ali aquele homem, evidentemente de sangue nobre, combatendo ao lado dos judeus amotinados e intoxicados de ódio?

Por sua vez, o verdugo, indicado pela voz soberana de André, parecia inclinado à ternura e à piedade por aquele homem velho e sereno, de mãos e pés amarrados ao poste da injúria, como que hesitava sobre se devia cumprir o sinistro e des piedado desígnio do seu chefe.

□ Daí a minutos, surgia, de uma porta larga e sombria, um guerreiro israelita, trazendo em ampla bandeja de bronze uma lâmina de ferro incandescente, cuja ponta aguçada repousava entre brasas vivas.

□ Contemplando com interesse a enigmática figura de Ítalo, na vitalidade da idade adulta, o senador, silencioso, não podia dissimular a curiosidade em face do seu vulto ereto e delicado.

- ☐ André, porém, gozando o quadro e percebendo a acurada atenção do condenado, arrancou-o daquele estado de conjectura e surpresa, ironizando:
  - ☐ - Então, senador, estais admirando o porte nobre de Ítalo?...
  - ☐ Lembrai-vos de que se os patrícios se dão ao luxo de possuir escravos israelitas, os senhores da Judeia também apreciam os servos de tipo romano.

¶ Aliás, sou obrigado a considerar que é sempre perigoso guardarmos um escravo como este, na cidade, em vista da praga do patriciado, hoje excessivo por toda a parte; mas eu consegui manter este homem de trabalho no ambiente rural, até agora...

□ Públia Lentulus mal poderia decifrar o sentido oculto daquelas irônicas palavras, não lhe sobrando tempo, ali, para qualquer introspecção. Observou que André se calara, atendendo à urgência com que devia ser levada a efeito a operação em perspectiva, de modo a não se perder o vermelho incandescente da lâmina fatídica.

Diante de muitos olhares atônicos e desesperados, que não sabiam se fixavam a cena macabra ou se atentavam para a ruidosa penetração das forças de Tito a quebrarem naquele instante os obstáculos do último reduto, o algoz implacável entregou a Ítalo o terrível instrumento do sacrifício.

- - Ítalo - recomendou com a máxima energia -, este minuto é precioso...  
Vamos queimar-lhe as pupilas, de modo a lhe proporcionarmos uma sepultura de sombras eternas, dentro da vida.
- O pobre homem, todavia, sensibilizado até às lágrimas, em face do suplício que deveria infligir por suas mãos, parecia indeciso e titubeante.

□ - Senhor... - disse súplice, sem conseguir  
formular objeções.

□ - Porque hesitas?... - revidou André,  
tiranicamente, cortando-lhe a palavra. -  
Será preciso o chicote para que me  
obedeças?

□ Ítalo tomou, então, da lâmina,  
humildemente. Aproximou-se de leve do  
condenado cheio de resignação e de  
fortaleza interior.

□ Antes do instante supremo, seus olhares se encontraram, trocando vibrações de simpatia recíproca.

□ Públia Lentulus ainda lhe fixou o porte, tocado de incontestável nobreza, esfacelada em suas linhas mais características pelos trabalhos mais impiedosos e mais rudes;

De tão grande foi a atração que experimentou por aquele homem, fixado pelos seus olhos em plena luz, pela vez derradeira, que chegou a se recordar, inexplicavelmente, do seu pequenino Marcus, considerando que, se ele ainda vivesse num ambiente tão hostil, deveria ter aquele porte e aquela idade.

As mãos de Ítalo, trêmulas e hesitantes, aproximaram-se dos seus olhos exaustos, como se o fizessem numa doce atitude de carinho; mas o ferro incandescente, com a rapidez do relâmpago, feriu-lhe as pupilas orgulhosas e claras, mergulhando-as na treva para todo

□ Nisso, observou a vítima que uma gritaria infernal reboava em toda a sala.

□ Uma dor indefinível irradiava-se da queimadura, fazendo-lhe experimentar atrozes padecimentos.

□ Ele nada mais divisava, além das trevas espessas que lhe cobriam o espírito, mas adivinhava que as forças vitoriosas chegavam tardivamente para libertá-lo.

□ No meio dos ruídos ensurdecedores, André de Gioras ainda se aproximou do condenado, falando-lhe ao ouvido:



**Ele nada mais divisava,  
além das trevas espessas  
que lhe cobriam o espírito,  
mas adivinhava que as  
forças vitoriosas chegavam  
tardiamente para libertá-lo.**

□ Ele nada mais divisava, além das trevas espessas que lhe cobriam o espírito, mas adivinhava que as forças vitoriosas chegavam tardivamente para libertá-lo.

□ No meio dos ruídos ensurdecedores, André de Gioras ainda se aproximou do condenado, falando-lhe ao ouvido:



PROJETO

# ESPIRITIZAR

Qualificar e Humanizar para Espiritizar

